

Escola do cansaço: gestão do desempenho e racionalidade bio/necro/política na educação neoliberal

Rafael Araldi Vaz¹

Universidade do Planalto Catarinense

Rodrigo Diaz de Vivar y Soler²

Universidade Regional de Blumenau

Resumo: Como a governamentalidade do neoliberalismo construiu uma racionalidade que reconhece o sacrifício da vida (do tempo, das relações, das diferenças, da ética e da estética) ou dos modos de vida como dispositivo central para a construção da educação escolar? Partindo deste questionamento, analisa-se como a escola tem se convertido na modernidade tardia em uma tecnologia central para a constituição de subjetividades precarizadas pela racionalidade bio/necro/política da educação neoliberal.

Palavras-chave: bio/necro/política; escola; gestão do desempenho; neoliberalismo.

¹ Doutor em História Cultural pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Planalto Catarinense (Uniplac). Líder do Núcleo de Pesquisa em Educação Básica (NuPEB): políticas, estéticas e diferenças.

² Doutor em Filosofia pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos). Professor do Departamento de Psicologia da Universidade Regional de Blumenau (FURB). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências Naturais e Matemáticas da FURB. Professor Colaborador do Programa de Pós-Graduação em Educação da FURB.

School of tiredness:

performance management and bio/necro/political rationality in neoliberal education

Abstract: How did the governmentality of neoliberalism construct a rationality that recognizes the sacrifice of life (time, relationships, differences, ethics and aesthetics) or ways of life as a central device for the construction of school education? Starting from this question, the article analyzes how the school has been converted in late modernity into a central technology for the constitution of subjectivities made precarious by the bio/necro/political rationality of neoliberal education.

Keywords: bio/necro/politics; school; performance management; neoliberalism.

Escuela del cansancio:

gestión del desempeño y racionalidad bio/necro/política en la educación neoliberal

Resumen: ¿Cómo construyó la gubernamentalidad del neoliberalismo una racionalidad que reconoce el sacrificio de la vida (tiempo, relaciones, diferencias, ética y estética) o modos de vida como dispositivo central para la construcción de la educación escolar? A partir de esta pregunta, analizamos cómo la escuela se ha convertido en la modernidad tardía en una tecnología central para la constitución de subjetividades precarias por la racionalidad bio/necro/política de la educación neoliberal.

Palabras clave: bio/necro/política; escuela; gestión del rendimiento; neoliberalismo.

Byung-Chul Han (2017) em “Sociedade do Cansaço” aponta para a constituição de um novo imperativo ético na modernidade capitalista: o imperativo do desempenho. Diferentemente da sociedade disciplinar, em que a produção capitalista se dá por intermédio de mecanismos coercivos de regulação das condutas em espaços fechados, na sociedade do desempenho as energias produtivas, a eficiência, a inovação, a criatividade e a realização de tarefas, são alçadas à condição de um imperativo ético que, mais do que uma competência de valorização do sujeito, sinaliza um modo de vida, o qual coincide com a racionalidade neoliberal do sujeito livre e autogovernável.

A tensão estabelecida por essa nova condição passa a reconfigurar a relação entre sofrimento psíquico e o lugar de desejo do sujeito livre (SAFATLE, 2021). O sujeito passa a reconhecer em seu sofrimento físico e psíquico o marcador que permite calcular a gestão de desgaste tolerável do seu próprio corpo em relação às metas que orientam sua liberdade de escolha. O que se torna visível nessa relação, nesse cálculo de perdas e ganhos, é a centralidade do sacrifício do corpo como tecnologia necropolítica de autoimolação.

Nesse cenário, é possível questionar qual o lugar da escola como instituição moderna e como tecnologia política no interior de uma nova ética da eficiência produtiva? Afinal, como pensar a escola moderna sob o imperativo do desempenho? Como a escola se constituiu como uma escola do cansaço, situando-se na encruzilhada, no espaço de tensão entre gestão da eficiência e gestão do desgaste e sofrimento?

Esta pesquisa se situa como parte do projeto guarda-chuva intitulado Genealogia da Educação no Tempo Presente: subjetividades, políticas e usos do passado, que tem como seu eixo temático 1: Educação, Neoliberalismo e Governamentalidade. Este projeto se encontra em desenvolvimento no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade do Planalto Catarinense (UNIPAC) desde julho de 2022. A proposta de pesquisa, liga-se também ao projeto de pesquisa Tecnologias e Políticas das Subjetividades, Educação, Governo e Direitos Humanos, desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Regional de Blumenau (FURB).

Como resultado das pesquisas bibliográficas realizadas a partir do eixo Educação, Neoliberalismo e Governamentalidade, apresentamos no presente texto uma proposta de revisão de literatura que procura construir um primeiro ensaio sobre o que denominamos de Escola do Cansaço. Inspirados na análise sobre a sociedade do cansaço de Byung-Chul Han (2017) e tomando como suporte teórico autores como Michel Foucault (1979; 1999; 2020; 2022), Giorgio Agamben (2008; 2010) e Achille Mbembe (2018a; 2018b), procuramos mapear um conjunto de conceitos operativos, que permitam visualizar a gramática que constitui a escola contemporânea como dispositivo de gestão do desgaste, do sofrimento e do desempenho. A questão central dessa proposta de investigação é compreender como a escola contemporânea se converteu em lugar de experimentação de formas de governo e de fabricação de afetos e subjetividades centrais para o desenvolvimento do neoliberalismo como modo de vida.

Assim, procuramos analisar duas tecnologias políticas que nos parecem centrais para pensarmos as condições estruturais que organizam a escola como lugar de formação e aprendizado de uma gestão do sofrimento que permite abordar a constituição de uma ética do desempenho: 1. O dispositivo de segurança bio/necro/político de gestão do desempenho. 2. O dispositivo sacrificial de autoimolação (homo sacer).

Situando o problema: o neoliberalismo como gestão do desgaste, do sofrimento e do desempenho

Ao contrário de certa percepção imediata, e de certa ideia demasiado simples, de que os mercados conquistaram a partir de fora os Estados e ditam a política que estes devem seguir, foram antes os Estados, e os mais poderosos em primeiro lugar, que introduziram e universalizaram na economia, na sociedade e até neles próprios a lógica da concorrência e o modelo de empresa. (DARDOT e LAVAL, 2016: 19)

O neoliberalismo nunca teve no Estado um inimigo a ser combatido. Ao contrário, é do Estado e pelo Estado que o neoliberalismo pôde ser elaborado como um dispositivo de fabricação de uma racionalidade de gestão da vida psíquica e social. “O que nos explica por que o neoliberalismo é, na verdade, o triunfo do Estado, e não sua redução ao mínimo” (SAFATLE, 2021: 27). Foi, portanto, por intermédio de uma forma de gestão da violência e do uso da política como instrumento da ação de Estado que o neoliberalismo consolidou uma racionalidade voltada à autogestão da vida social. O neoliberalismo, nesse sentido, estruturou-se como uma forma de vida (FOUCAULT, 2022), como uma ética que tem a liberdade como marcador central na gestão dos afetos e na orientação de modalidades previstas de autogoverno.

Entende-se como gestão dos afetos todas as formas de governo que atuam sobre os componentes psíquicos (como o medo, a raiva ou a vergonha) na sua relação com instrumentos morais (como a coragem, o mérito e o autossacrifício). Na interseção entre dispositivo psíquico e moral é que se assenta todo o trabalho de governamentalidade movimentado pelo neoliberalismo. O sujeito que daí deriva será notadamente marcado por uma subjetividade que se organiza e se autogoverna a partir dos mesmos elementos de risco e de frágil responsabilidade moral do mercado. Não somente o sujeito se converte em um sujeito-empresa como todo o cálculo de governo de sua própria vida é mediado por uma racionalidade empresarial.

Vladimir Safatle (2021: 42) reconhece que o maior investimento do neoliberalismo, no que diz respeito à gestão dos afetos, foi construir a partir da década de 1970 um modo de gestão do sofrimento que se vincula diretamente a uma gestão do desempenho. Pode-se dizer que, em termos de modelo clínico, o neoliberalismo desempenhou um importante papel na conversão da racionalidade psíquica da neurose, ligada à lógica da proibição social e da ação do desejo a partir dessa proibição, para uma racionalidade psíquica da depressão, ligada não mais ao que se pode ou não fazer, mas ao possível e ao impossível, ao máximo possível em que se pode chegar e como lidar com o sentimento frustrante da insuficiência sem se revoltar contra os agentes externos desse tipo de sofrimento.

Situando melhor a questão, é possível afirmar que não só o modelo clínico, mas também o próprio aparato psíquico, sofreram alterações drásticas no processo de transição da sociedade disciplinar para a sociedade de desempenho neoliberal. Enquanto o aparato psíquico freudiano se estruturou a partir do dever e

da obediência, constituindo-se como instância de um poder repressivo e impositivo, “estruturado como uma sociedade disciplinar, composta de hospitais, asilos, presídios, quartéis e fábricas” (HAN, 2017: 79), o aparato psíquico do sujeito do desempenho se encontra alicerçado no prazer, na liberdade, na busca do ilimitado e, portanto, em um projeto de afirmação narcísica do eu.

O sujeito do desempenho pós-moderno possui uma psique bem diferente do sujeito obediente, abordado pela psicanálise de Freud. O aparato psíquico de Freud é dominado pelo medo e pela angústia frente à transgressão. Desse modo, o eu se transforma num local de medo e angústia. Mas isso já não se aplica ao sujeito de desempenho da pós-modernidade. Esse é um sujeito da afirmação. Se o inconsciente estivesse necessariamente ligado com a negatividade da negação e da repressão, o sujeito de desempenho neoliberal já não teria inconsciente. Seria um eu pós-freudiano. (HAN, 2017: 80)

A afirmação do prazer, da liberdade e do ilimitado, como se pode perceber, implica a configuração de uma subjetividade narcísica, a qual tem como fundamento o desaparecimento do outro como elemento estruturador de um diálogo na constituição do sujeito de desempenho. A subjetividade moderna que, anteriormente em sua versão freudiana, constituiu-se a partir de uma relação entre o si do sujeito e o outro que lhe impunha uma relação de limite, obediência, disciplina e dever, passa a ser transformada na modernidade tardia em uma subjetividade autoestruturante e autorreferencial. Esse ensimesmamento tem como alguns de seus muitos efeitos a rarefação do espaço comum, da experiência compartilhada, do valor público, como também um novo modo de vivenciar o sofrimento psíquico e social, um novo modo de gerir os afetos. Afinal, “o narcisismo é exatamente o oposto do amor-próprio característico. Mergulhar no si mesmo não cria nenhuma gratificação, ele traz dor e sofrimento ao si mesmo” (HAN, 2017: 84).

O sujeito de desempenho da modernidade tardia não se submete a nenhum trabalho compulsório. Suas máximas não são obediência, lei e cumprimento do dever, mas a liberdade e boa vontade. Do trabalho espera acima de tudo alcançar prazer. Tampouco se trata de seguir o chamado de um outro. Ao contrário, ele ouve a si mesmo. Deve ser um empreendedor de si mesmo. Assim, ele se desvincula da negatividade das ordens do outro. Mas essa liberdade do outro não só lhe proporciona emancipação e libertação. A dialética misteriosa da liberdade transforma essa liberdade em novas coações. (HAN, 2017: 83)

Pode-se afirmar que essa liberdade que tende ao infinito, para a qual a meta nunca é um fim em si mesmo, mas um estágio de um devir sem previsão de chegada, converte-se em um marcador de novas formas de coação de desempenho, na medida em que jamais se encontra uma conclusão, um ponto de parada, um lugar de descanso para que se faça morada. O sujeito do desempenho, nesse sentido, habita um tempo tão esmagadoramente aberto que o seu sofrimento psíquico está em nunca encontrar repouso, em nunca encontrar um lugar em que possa habitar, em que possa gozar da satisfação de habitar o ócio, vivendo preso à carência e à culpa, por não ter sido suficientemente capaz de superar a última versão de si mesmo. Enredado em sua própria liberdade, encontra-se atado a uma busca eterna pela transformação de si mesmo na forma da autossuperação sem fim. É daí que passa a gerir compulsoriamente não somente a sua liberdade, como também as modalidades inauditas de seu próprio sofrimento físico e psíquico.

Tendo este horizonte em vista, é possível afirmar que não se sofre no neoliberalismo de modo equivalente a qualquer outro momento histórico do capitalismo, nem se realiza a gestão do sofrimento do mesmo modo. O que o neoliberalismo produziu, em termos de tecnologia política de governo, foi um novo modo

de sofrer, de organizar os sentidos e significados do sofrimento e de impedir o componente social da revolta como parte constitutiva desta experiência psíquica.

A tese apresentada aqui, portanto, compreende que um dos dispositivos centrais no início do século XXI para a formação deste novo modelo de gestão do sofrimento é a escola.

A escola como dispositivo bio/necro/político de gestão do desempenho

A escola moderna, tal como a encontramos no século XIX é uma sofisticada tecnologia, um dispositivo no sentido foucaultiano, responsável por fabricar sujeitos normalizados em conformidade com o projeto republicano e moderno dos Estados-nação europeus. Para Kant, a escola tem por função formar sujeitos emancipados e civilizados, permitindo superar a barbárie, a selvageria e a dependência (SIBILIA, 2012). Nessa perspectiva, a escola é pensada como um instrumento de pavimentação de um projeto de liberdade, mas que se encontra enredado a compromissos sociais sob a lógica da obrigação. Assim, nesse projeto de liberdade, um conjunto de compromissos sociais fixa o sujeito às regras e aos modelos disciplinares que visam orientá-lo em como melhor governar sua vida, sempre em conformidade com o projeto civilizador em curso. Nesse sentido, a palavra compromisso assume um papel central, na medida em que se torna imperativo consolidar novas formas de normalização social em consonância com o modelo de desenvolvimento capitalista vigente.

Portanto, a moral do sujeito disciplinar kantiano que a escola convoca tem como premissas: limite, obediência, disciplina e dever. Por isso, os distúrbios psíquicos encontrados por Freud neste tipo de sujeito são explicados a partir da negatividade e da repressão do desejo (HAN, 2017). A escola, nesse sentido, é uma tecnologia central para a constituição do sujeito neurótico, na medida em que se afirma como dispositivo de castração e adestramento. Entretanto, na escola moderna do desempenho, a escola do cansaço, o que encontramos é uma outra forma de governo da vida, marcada agora por uma forma positiva de poder, definida pela busca da gestão do prazer e da liberdade ao nível individual, ao mesmo tempo em que visa constituir uma forma de autogoverno com vistas à elevação do desempenho. Enquanto no primeiro modelo escolar encontramos como centro a valoração de certa noção republicana do espaço comum, mediada pelo controle das pulsões e pela repressão, no segundo o que prevalece é uma espécie de atomização e individualização do controle, marcado pela rarefação do espaço comum.

Esses elementos marcam a distância encontrada entre o sujeito da escola disciplinar e o sujeito da escola do cansaço. Contudo, em ambas as figuras escolares ou em ambas as formas tecnológicas se encontram em operação um dispositivo de governamentalidade que se manifesta na forma do biopoder, o qual trabalha de forma pendular, ora na forma de uma racionalidade disciplinar da obediência, ora na forma de uma racionalidade biopolítica de seguridade.

Sobre o dispositivo de segurança é preciso dizer que se trata de uma tecnologia de governo construída para gestão da vida na sociedade capitalista em suas instâncias coletiva e individual. Nesse caso, tanto o corpo humano individual quanto o corpo-espécie são objetos que se encontram enredados em tecnologias biopolíticas de governo, que têm na segurança um marcador de seu cálculo político (FOUCAULT, 2020). Entretanto, na sociedade do desempenho, entre fazer

viver e deixar morrer há um cálculo de governo que opera a partir de uma racionalidade do desgaste. Tal cálculo se organiza a partir de questionamentos como: quanto de energia se pode extrair de um corpo dentro de seu tempo de uso? Quanto tempo um corpo é capaz de suportar sem recorrer a medicamentos que o mantenham de pé? Quais medicamentos, exercícios, pensamentos (positivos/negativos), quais tipos de ascese do corpo e da subjetividade permitem gerir por mais tempo uma vida útil? Nota-se nesses questionamentos o leitmotiv das tecnologias de desempenho, que orienta a racionalidade neoliberal e que tem no dispositivo bio/necro/político de segurança seu marcador de eficiência, uso e descarte da vida.

Considerando as condições que marcam a sociedade contemporânea do desempenho, cabe perguntar: como a escola, então, participa deste campo tecnológico de gestão da vida? Qual o seu lugar na constituição de uma ética do desempenho sobre os sujeitos? De outro modo, qual o papel da aprendizagem na formulação de uma ética do desempenho entre os sujeitos escolares? Quais tecnologias são colocadas em movimento e quais efeitos produzem sobre a subjetividade docente e discente?

Refletir sobre tais problematizações passa por reconhecer que as práticas de subjetivação na educação contemporânea se constituem não só por meio da gestão da vida e de suas energias, como também através de uma gestão dos afetos. Seja na forma do medo e da insegurança, seja na forma da promessa de liberdade, novamente o corpo e suas instâncias mais porosas, seus nervos e seu nervosismo, sua pele e seu suor, seu coração e sua palpitação, se encontram implicados no centro de uma gestão política das subjetividades. E é na governamentalidade neoliberal que essa experiência extensiva e intensiva de uma gestão dos afetos melhor se expressa, uma vez que se torna capaz de operar através da educação o movimento pendular entre sucesso e fracasso, entre liberdade e dependência, entre coragem, mérito e medo. Esse conjunto de sensibilidades, quando manejadas no interior de uma racionalidade de gestão política das subjetividades, permite que a liberdade se converta em um eficaz instrumento de controle e segurança.

Contudo, mais do que somente controle e segurança, há na escola um jogo ambivalente entre a aceitação da destruição do outro e da própria destruição. Uma espécie de alterocídeo (MBEMBE, 2018a, 2018b) que implica todos, estudantes, professores e técnicos do saber, em uma mesma fraternidade da abjeção (AGAMBEN, 2008). Essa destruição, evidentemente, não é a destruição dos massacres (muito embora eles também possam nela operar), mas é ainda um cálculo de destruição, na medida em que a escola e suas pedagogias operam no sentido de erigir, sob a gramática do sacrifício do outro e da autoimolação, o sujeito livre do neoliberalismo. Sujeito esse capaz de se submeter a todas as injunções e, ainda assim, suplantar as perdas (do tempo de vida, da identidade e da diferença, do perder a si mesmo em nome da adequação à norma), os fracassos (do péssimo desempenho, da reprovação), as vergonhas (da exposição vexatória aos erros, da submissão aos imperativos morais do bom comportamento) fabricando, na tensão constante entre fracasso e sucesso, competências, habilidades e virtudes que reafirmam o neoliberalismo como um modo de vida, dentro do qual o risco, a perda, o medo e a morte operam como o horizonte de possibilidade próprio à existência do sujeito do desempenho.

O que interessa aqui é demarcar como os processos de subjetivação se constituem no espaço escolar. Portanto, como a governamentalidade do neoliberalismo construiu uma racionalidade que permite reconhecer o sacrifício da vida (do tempo, das relações, das diferenças, da ética e da estética) ou dos modos de

vida como dispositivo central para a construção da educação escolar? Para entendermos melhor a questão: como a educação e o discurso pedagógico, como tecnologias políticas usadas pela racionalidade neoliberal de gestão da vida, constituíram uma gramática na qual a escola, deposta de seu sentido original como espaço público e lugar do tempo livre (*scholê*), converte-se em um espaço não só produtivo, mas ainda de significação da vida como instância bio/necro/política, operada no interior de uma lógica em que o uso e o descarte, a segurança e o medo, em que o esgarçamento das subjetividades, prenunciam a vida como experiência de gestão do sofrimento, mais ainda como gestão do desgaste (físico e psíquico) da própria vida?

Para responder a essas questões é necessário perceber o lugar que a escola passa a ocupar como dispositivo de aprendizagem do sujeito do desempenho nas políticas neoliberais, ao menos desde a década de 1970. É no contexto das transformações operadas nas políticas de Estado que podemos encontrar a consolidação de uma nova forma de governo bio/necro/político centrado na figura do *homo oeconomicus*, convertido na teoria neoliberal em sujeito empresário de si mesmo. Como apontado por Michel Foucault (2022: 324), o que se encontra em jogo, portanto, é

desdobrar o modelo econômico, o modelo oferta e procura, o modelo investimento-custo-lucro, para dele fazer um modelo de relações sociais, um modelo da existência, uma forma de relação do indivíduo consigo mesmo, com o tempo, com seu círculo, com o futuro, com o grupo, com a família.

Como se percebe, esse incremento encontrado na teoria política neoliberal rumo em direção a um projeto que visa fazer uso dos dispositivos de Estado para constituição de modos de gestão da vida social. Em última análise, o movimento iniciado pelas políticas neoliberais se dirige para a construção de uma gestão da vida psíquica e social, objetivando a construção de uma subjetividade que seja capaz de manejar afetos e consolidar um modo de vida marcado pelos cálculos de utilidade, uso e descarte. É nesse sentido que a escola se converte em um dispositivo central para a formulação do modo de vida neoliberal, uma vez que passa a se voltar para a elaboração de um currículo utilitário e de uma lógica educativa da aprendizagem.

Para Noguera-Ramírez (2011: 289-90), no que diz respeito à genealogia da aprendizagem,

Trata-se de um conceito inédito de origem anglo-saxônica (em seu significado), intimamente associado aos desenvolvimentos da biologia e das teorias evolucionistas do século XIX. Sua importância no desenvolvimento do pensamento e das práticas pedagógicas, durante o último século, pode ser apreciada no crescimento e na expansão das chamadas psicologias da aprendizagem, nos desenvolvimentos do campo do currículo, na difusão mundial da “tecnologia instrucional” e da “tecnologia educacional” nas décadas de 1960/1970, nas produções sobre a “aprendizagem ao longo da vida”, a “sociedade da aprendizagem”, o “aprendiz permanente” da década de 1990 e até nas mais recentes elaborações e discussões sobre a “abordagem por competências” ou “educação por competências”.

Assim, para a sociedade neoliberal aprender se torna a métrica escolar. Não aprender de qualquer modo, mas aprender por toda a vida, aprender a aprender, consolidar atividades de aprendizagem permanentemente inovadoras. O que se depreende da reformulação da gramática da aprendizagem e inovação, mais do que uma alternativa pedagógica de preparação para a sociedade do desempenho, é a formulação de um sujeito que consiga assumir para si a difícil tarefa de reso-

lução dos dilemas sociais, concebidos tão somente ao nível de um dilema individual e psíquico. Nota-se aí, como aponta Noguera-Ramírez, o porquê do vínculo direto entre as teorias da aprendizagem e as psicologias da aprendizagem. Afinal, trata-se de infundir uma racionalidade que permita compreender as crises psíquicas e os desafios sociais menos como crises de um modelo político de gestão social e econômica e mais como uma crise ao nível molecular e individual dos sujeitos.

A escola como dispositivo sacrificial de autoimolação

O sujeito do desempenho se realiza na morte. Realizar-se e autodestruir-se, aqui, coincidem. (HAN, 2017: 86)

Em “Homo Sacer: o poder soberano e a vida nua”, Giorgio Agamben procurou traçar a genealogia de uma figura do direito romano, responsável por definir um tipo de sujeito situado no limbo jurídico entre matabilidade e sacrifício. O Homo Sacer seria, portanto, uma figura que não possuiria lugar jurídico na sociedade romana, de tal modo que sua vida não poderia ser objeto de sacrifício (já que se encontra oferecido aos deuses) e sua morte não poderia ser contabilizada no quadro jurídico de uma perda social. Ele é, portanto, uma figura ambígua, duplamente matável e insacrificável. Assim, na ausência de uma regra que o defina, encontra-se situado em um vazio jurídico, enredado em um permanente estado de exceção.

O que se verifica no cenário geral em que se assenta essa estranha figura jurídica pode ser mais bem compreendido a partir de uma distinção, conhecida ao menos desde Aristóteles, entre vida biológica e vida política, na qual a vida biológica se encontra apartada da vida política. Essa diferença entre vida qualificada (bíos) e vida nua (zoé), entre o zoon politikon e a vida biológica, é apontada por Aristóteles como a diferença que separa ontologicamente o cidadão da pólis do restante da vida humana e animal. É nesse sentido que se torna compreensível o porquê da lei não poder julgar crimes cometidos por estrangeiros, mulheres e crianças em Atenas, na medida em que estas vidas se encontram sob o domínio da oikos (casa), da zoé ou vida nua, menos sob o domínio da vida política da pólis. Aqueles que, portanto, não compartilham de uma comunidade política, não podem ser julgados nem defendidos por uma lei que não os reconhece.

De modo bastante distinto, na modernidade a concepção de vida forjada pelo paradigma biopolítico fez com que, pela primeira vez na história ocidental, a vida biológica como tal (a vida nua da zoé) adentrasse definitiva e integralmente nos cálculos da política e da lei. “Por milênios, o homem permaneceu o que era para Aristóteles, um animal vivente e, além disso, capaz de existência política; o homem moderno é um animal em cuja política está em questão a sua vida de ser vivente” (FOUCAULT, 1999: 156).

Ao se reconhecer a vida biológica como situada na tensão entre uma fragilidade imanente - na qual a precariedade (BUTLER, 2019) compõe uma comunidade política da abjeção (AGAMBEN, 2008) - e a promessa teológica do mérito, na qual a liberdade se inscreve como seu marcador, a bio/necro/política neoliberal constitui um novo tipo de homo sacer: o sujeito sacrificável e autoimolável do desempenho.

Situado entre a regra e a exceção, entre a norma jurídica e o estado de exceção ou, de outro modo, entre liberdade e coação, o sujeito do desempenho é uma figura ambivalente. Encontra-se enredado na encruzilhada de uma ética que o

constitui como sujeito autogovernável, livre e em busca de seu prazer narcísico, mas como soberano de si mesmo, como governante de seu corpo-território, encontra-se ao mesmo tempo na condição de homo sacer, uma vida sacrificável, matável e sofrível por um estado de exceção autoimposto.

A figura do soberano inimputável, cuja lei não alcança e regula (ressentido de todas as violências e arbitrariedades auto-impostas, como se as estruturas econômica e social lhe fossem alheias) impede que o sujeito autogovernável do desempenho possa situar-se além de sua própria dimensão narcísica. Submetido aos mitologemas neoliberais, sob uma racionalidade da imanência absoluta (HAN, 2017), na qual nada transcende a realidade individual do sujeito, o sujeito do desempenho não é capaz de deslocar sua batalha interna para fora de seu corpo-território. Tal intersecção, que tolhe os sujeitos das estruturas da realidade social, impossibilita uma vez mais o componente político da revolta. A revolta, portanto, converte-se em uma revolta doméstica e domesticada, uma revolta ao nível da oikos, da oikonomia, da gestão da casa, do universo do próprio. A revolta domesticada, a revolta contra si mesmo, constitui o sujeito do desempenho em sujeito e objeto de um sofrimento autoimputável, constituindo-o como um sujeito autoimolável, em guerra contra si mesmo. O sintoma característico desta guerra interna é a depressão. Nos termos de Han (2017: 28-29)

O homem depressivo é aquele animal laborans que explora a si mesmo e, quiçá deliberadamente, sem qualquer coação estranha. É agressor e vítima ao mesmo tempo. (...) O sujeito do desempenho encontra-se em guerra consigo mesmo. O depressivo é o inválido dessa guerra internalizada. A depressão é o adoecimento de uma sociedade que sofre sob o excesso de positividade. Reflete aquela humanidade que está em guerra consigo mesma.

A guerra, que outrora se estruturava na relação com o outro, converte-se em um processo interno em que a política de guerra, a “guerra continuada por outros meios” (FOUCAULT, 1979: 22), é declarada contra si mesmo. Ao se reconhecer alheio ao quadro social que integra, o sujeito do desempenho não é capaz de declarar guerra às estruturas externas que o compõem, senão na forma de uma guerra interna contra o seu próprio corpo e subjetividade. É, pois, na impossibilidade de encontrar o poder soberano fora de si mesmo, que o sujeito do desempenho se constitui como uma figura ambivalente, na medida em que é ele próprio soberano e sujeito, senhor e escravo, aquele que governa e ao mesmo tempo decreta o estado de exceção. Portanto, soberano e homo sacer de si mesmo.

A esta altura, cabe perguntar, portanto, como a escola participa da constituição de subjetividades precarizadas e de que modo se converteu em lugar de subjetivação e gestão do sofrimento? Como a escola, portanto, passa a se configurar na modernidade tardia, a despeito de sua antiga condição de instituição disciplinar e republicana, em um dispositivo de fabricação da figura neoliberal do sujeito sacrificável e autoimolável do desempenho? Como vimos, a afirmação de uma nova semântica pedagógica, cujo sintoma pode ser percebido nos discursos da aprendizagem e inovação, permite intuir o papel que a escola passa a cumprir na constituição da sociedade do desempenho. O primeiro destes papéis, refere-se ao lugar da escola como dispositivo de fabricação de subjetividades precarizadas. Podemos dizer que, na sociedade do desempenho, a precariedade aparece para os sujeitos escolares (professores, estudantes e técnicos) como o principal elemento que permite definir o lugar do comum, isto é, aquilo que substitui a antiga relação pública com o outro por uma relação autocentrada (do si consigo mesmo), tão somente compartilhável ao nível da vulnerabilidade. O espaço público, portanto, só é reconhecível como a arena na qual se compartilham disputas calcadas no

mérito (exames, concursos, vestibulares) e no qual os encontros só se fazem a partir do esgotamento e do cansaço. O segundo aspecto é que, ao centrar-se na aprendizagem, a escola se converte em uma tecnologia voltada menos à construção de certa preparação para a vida e mais à construção de um certo modo de enxergar a vida, uma grade de leitura marcada pela racionalidade da guerra e do confronto, para a qual todos devem aprender a se preparar. Estar preparado aqui significa estar imbuído de competências e habilidades, de um estado vigilante de permanente aprendizagem, em um universo de superabundância de informações. De tal modo que o vencedor é aquele que consegue por conta própria melhor manejá-las, ao mesmo tempo em que faz uso de suas habilidades para conquistar posições sociais e defender-se da ameaça iminente da perda, do esgotamento de recursos e do desgaste corporal e psíquico. Nota-se, com muita clareza, como estas duas compreensões das formas de subjetivação desenvolvidas no espaço escolar reverberam a imagem do modelo neoliberal do empresário de si mesmo.

Isso explica, portanto, por que se torna tão necessário ao sujeito autoimolável do desempenho saber gerir seu próprio sofrimento neste processo permanente de confronto, diante da ameaça constante da abjeção. Assim, aprender permanentemente coincide aqui com a busca constante por saber gerenciar desafios, obstáculos e crises, compreendidos como óbices à consagração da liberdade. Novamente, trata-se de um trabalho sem fim, que implica o sujeito narcísico do desempenho a operar como Sísifo na busca infinita e inalcançável por si mesmo. Nesta busca autocentrada, o sacrifício do outro e o autossacrifício se convertem em dispositivos fundadores de uma subjetividade que reconhece a vida como um território em que a guerra, a ameaça e a precariedade organizam o espaço da experiência e o horizonte de expectativa.

Considerações finais

Observar o lugar da escola como instituição central na fabricação do imperativo do desempenho na modernidade tardia significa, antes de qualquer coisa, enxergá-la como dispositivo de fabricação do modo de vida neoliberal, isto é, como lugar de experimentação de formas de governo e de fabricação de afetos e subjetividades centrais para o desenvolvimento do neoliberalismo como modo de vida.

A análise apresentada neste trabalho é parte de uma pesquisa em andamento que procura investigar as gramáticas que atravessam a escola no tempo presente e indagar qual regime de verdade tem-na constituído, convertendo-a em uma nova tecnologia bio/necro/política de governo e em um espaço de fabricação de subjetividades precarizadas.

Deste modo, acreditamos ser possível, ao produzirmos um trabalho crítico sobre a escola, realizarmos o que Michel Foucault definiu como uma ontologia crítica de nós mesmos, isto é, uma ontologia crítica sobre nosso próprio tempo e atualidade. Ao realizarmos, duplamente, o trabalho crítico sobre nós mesmos e sobre o que a escola tem se convertido a partir da semântica neoliberal e suas formas de subjetivação, desejamos recolocar em debate a necessidade urgente de pensá-la como espaço público e lugar do comum, tornando possível, quiçá, reivindicá-la como espaço da afirmação ética de uma comunidade política do tempo livre (*scholé*).

Agradecimento

Ao nosso amigo Gustavo Capobianco Volaco, psicanalista lacaniano, intelectual de rigor, professor parresiástico, amante de cervejas, cigarros e presunto de Parma. Por toda potência, amizade e aprendizado compartilhado. Onde estiver, receba esta pequena homenagem de seus fiéis amigos.

Recebido em 29 de fevereiro de 2024.
Aceito em 26 de julho de 2024.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *Homo Sacer. O poder soberano e a vida nua*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.
- AGAMBEN, Giorgio. *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- BUTLER, Judith. *Vida precária: os poderes do luto e da violência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.
- DARDOT, Pierre; LAVAL; Christian. *A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade neoliberal*. São Paulo: Boitempo, 2016.
- FOUCAULT, Michel. *História da sexualidade: A vontade de saber*. Rio de Janeiro: Graal, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do Poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- FOUCAULT, Michel. *O nascimento da biopolítica*. São Paulo: Martins Fontes, 2022.
- FOUCAULT, Michel. *Segurança, Território, População*. São Paulo: Martins Fontes, 2020.
- HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.
- MBEMBE, Achille. *Crítica da Razão Negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018a.
- MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: n-1 edições, 2018b.
- NOGUERA-RAMÍREZ, Carlos Ernesto. *Pedagogia e governamentalidade: ou Da Modernidade como uma sociedade educativa*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2011.
- SAFATLE, Vladimir. “A economia é a continuação da psicologia por outros meios: sofrimento psíquico e o neoliberalismo como economia moral”. In: SAFATLE, Vladimir; SILVA, Nelson da; DUNKER, Christian (orgs.). *Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico*. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. pp. 17-46.
- SIBILIA, Paula. *Redes ou paredes: a escola em tempos de dispersão*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2012.